

ÍNDIOS NO BRASIL: OS CAMINHOS DO FUTURO

Edmundo Antonio Peggion

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (org.) **Índios no Brasil**. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992, 279 páginas.

Os caminhos da memória nos devolvem sempre a esperança. São 500 anos de história oficial que se impôs como a única versão possível da história. Qual é a sua versão? Você, que descende de um possível Outro que não está presente como protagonista na história oficial. Esse foi um dos caminhos trilhados pelos membros da *Comissão Índios no Brasil* e pelos organizadores da *Exposição Integrada Índios no Brasil: Alteridade, Diversidade e Diálogo Cultural*, que nos narram a história de várias formas no decorrer do catálogo. Catálogo que, na verdade, é um livro, pela sua elaboração; um roteiro dos caminhos da memória, a partir da perspectiva do presente. Seu tema é os "Índios" e não o "Índio", como muito bem disse Marilena Chauí, sujeitos históricos e sujeitos políticos no plural e no presente.

Já na dedicatória "A Severo Gomes, amigo dos Índios" preenche-se uma lacuna. Na ocasião do falecimento de Severo Gomes - grande defensor dos direitos dos índios - não lhe foi feita a homenagem que merecia, por estar acompanhado de Ulisses Guimarães, também figura brilhante. Quem não se lembra da Ação Pela Cidadania no território yanomami?

As sociedades indígenas têm muito a nos ensinar. Não somente quanto ao aproveitamento dos recursos naturais, conservação da natureza, etc, mas também como indivíduos que resistem. É preciso muito cuidado com os discursos dúbios. Conforme afirma Luis Grupioni em seu artigo: "Ora, é preciso ficar claro que os direitos indígenas

independem de vivência ecológica destes grupos, pois provêm do fato de se constituírem como grupos humanos social e culturalmente diferenciados"(p. 23).

Começemos o nosso roteiro com a relação entre *os Índios e a Secretaria Municipal de Cultura*, de onde se iniciou a viagem. Ailton Krenak afirmou que os índios não tinham nada a comemorar, pois essa era uma questão de brancos. A Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo propôs, por sua vez, a revisão da história como comemoração. Paralelamente ao projeto "500 Anos: Caminhos da Memória, Trilhas do Futuro", articulou-se a *Comissão Índios no Brasil*, que reuniu pessoas de todas as áreas para discutir as relações dos grupos indígenas com a nossa sociedade. Esta discussão resultou, entre outras coisas, em uma grande exposição: *Índios no Brasil: Alteridade, Diversidade e Diálogo Cultural* (14 de junho a 27 de julho, no prédio da Bienal, em São Paulo). Da exposição resultou este livro, que funciona como um roteiro de viagem. Artigos concisos e interessantes, relatos sinceros, reflexões sobre o trabalho da comissão e seus resultados.

A pergunta que algumas pessoas fazem é a seguinte: qual é a relação entre a prefeitura e os índios? Diferentemente das administrações anteriores, na administração da prefeita Luiza Erundina, o Outro deixou de ser oficialmente representado. As minorias desconsideradas foram vistas como reais agentes transformadores. Quinhentos anos depois, é imperativo repensar o passado a fim

de construir o futuro. A história real não é feita de heróis "oficiais", apesar de serem eles os comemorados.

No presente, quem elabora e seleciona os eventos que se tornarão história somos nós. Ciente disso, a comissão traz uma reflexão para a história do Brasil.

A descoberta da América e o encontro com o Outro traz em si a discussão das representações construídas nesse passado não muito remoto, que é também produzido pela visão do observador. Quando aqui aportaram os portugueses, traziam consigo Caminha que, responsável pelos registros, escreveu a "Carta de achamento do Brasil". Lucia Bettencourt diz: "Podemos ressaltar, de um modo geral, a qualidade literária deste documento. Com um estilo em que ecoam traços da Bíblia, da *Iliada* e da *Eneida*, a carta nos cativa por sua originalidade. Dividindo a narrativa em nove dias, a simplicidade do estilo nos recorda a descrição da criação do mundo" (p.40).

Gênese: esse seria um resumo possível. Nada aqui existia, logo era preciso criar. Agindo como deuses em uma terra inexistente, esses aventureiros espirituosos começaram a criar um mundo a partir da escrita e da imagem. Esse processo, que perdura até hoje, conta nossa história ficcional. Na verdade, somos resultado da imaginação criativa, que descrevia aquilo que queria ver. Com o passar do tempo, o imaginário mudou seus parâmetros. Apurou seus sentidos e formalizou uma "lógica científica". A arte seguiu o mesmo caminho. Analisando o século XIX, Sylvia Porto Alegre relata: "O exame da incontável variedade de imagens capturadas pelo olhar desses "pintores-viajantes" levanta várias indagações sobre a relação entre arte e ciência em um momento de enorme expansão das fronteiras do saber e sobre as possibilidades de uso da imagem como documento e objetos de pesquisa."(p.59) Ainda no texto de Sylvia encontramos outra referência a este novo momento: "Os viajantes, ansiosos por estudar a natureza e o homem, procuravam mover-se pelo território munidos dos mais recentes equipamentos e procedimentos de pesquisa,

para descobrir e registrar a diversidade e o exotismo do universo tropical e estabelecer futuras comparações, à luz das novas teorias, modelos e tipologias."(p.63)

Até recentemente, essas representações, esses registros oficiais nos eram dados como passado inquestionável, como a "história". Generalizou-se o termo "Índio", sinônimo de selvagem, considerado bom ou mau, de acordo com os interesses do momento. E quem eram os heróis? Os bandeirantes, por exemplo. E a história dos índios? Foi ignorada. *A Diversidade Cultural das Sociedades Indígenas* existentes no Brasil não permite uma história única para os índios. Esse é um dos pontos fundamentais, que a todo momento aflora no livro *Índios no Brasil*. Há muitas concepções de história. "A tarefa é quase impossível e demasiadamente perigosa: é grande a complexidade das teorias indígenas; grande, a variedade de concepções e estilos. O perigo é o da generalização infundada, da simplificação grosseira, da comparação ilegítima"(Lopes da Silva, p.76).

Aracy Lopes da Silva descreve sucintamente as concepções de vários povos, mostrando que as preocupações presentes nas mitocologias indígenas são comuns aos homens em maior ou menor grau, com diferentes formas de expressão e consciência. Somente no Brasil, nós temos uma população de aproximadamente 200 povos com 170 línguas diferentes. "Em primeiro lugar, há uma atração irresistível da espécie humana em direção ao conhecimento e à criação de sistemas simbólicos e teorias explicativas para tudo quanto esteja à sua volta, no espaço e no tempo. E depois, porque o conhecimento cada vez maior do presente, em todas suas manifestações, permite fazer inferências sobre o passado e planejar ações visando melhorar a vida e tornar mais felizes as pessoas que habitam o atual 'presente'". (Montserrat, p.93). São formas de ver o mundo de acordo com uma infinidade de circunstâncias, que resultaram em outra infinidade de representações simbólicas. A diversidade cultural existente no Brasil multiplica a existência de concepções diferentes para o mundo. Porém, a recorrência de temas,

assuntos e noções, demonstra que as mitocsmologias indígenas trazem em si, sob diferentes aspectos, questões que na verdade são consideradas universais: o ser humano e o estar no mundo (Lopes da Silva, p.80).

Estas representações simbólicas, frutos da reflexão, estão presentes em praticamente todas as manifestações da sociedade. Em seus respectivos artigos, Lucia Hussak van Velthem e Berta Ribeiro mostram a preocupação com o universo social e cosmológico na arte indígena. Existe na arte - pintura corporal, cestaria, trançado, cerâmica - uma preocupação de síntese. Tais preocupações fundamentais fazem de cada povo um povo singular, único. O sentido atribuído por cada sociedade à sua cultura material, faz com que a mesma caracterize e afirme a sua identidade. Cada qual com sua própria visão do mundo, construindo através de conceitos o seu universo. "Todos os povos desenvolvem teorias para entender o mundo. A cosmologia de cada sociedade representa a ordenação do universo, ordem esta que está vinculada a todos os aspectos da vida societária" (Giannini, p. 145).

Essa singularidade da vida indígena suscitou o interesse dos europeus sob uma perspectiva exótica. Na arte, por exemplo, resultou no colecionismo de séculos anteriores, quando grandes quantidades de artesanato indígena foram enviadas para museus da Europa. Servem hoje como registro do contato entre duas civilizações.

A falta de escrita das línguas indígenas e a concepção cosmológica ocidental têm dificultado a compreensão da outra versão da mesma história. Novos trabalhos de antropologia e de história têm esclarecido um pouco melhor os fatos. A análise dos registros oficiais e a complementação com a versão de cada grupo indígena têm contribuído muito para isso. Conforme John Monteiro: "De fato, a história dos índios apresenta um claro exemplo de omissão de um ator significativo nos livros de história mais convencionais, pois com a construção da figura do bandeirante, entre outros mitos da colonização, o papel histórico do índio foi completamente apagado". (p.119)

Hoje se sabe que a participação indígena no processo produtivo foi significativa. Sabe-se também, que a submissão dos índios como mão-de-obra escrava ocorreu em meio a revoltas. No século XVII os índios de São Paulo começaram, inclusive, a agir judicialmente. "Embora representasse uma estratégia importante, a luta dos índios não se esgotou no confronto violento. Em prol de maior autonomia e até da liberdade, muitos índios lançaram mão de meios tanto ilegais quanto legais". (Monteiro, p. 116).

A História dos índios tem sido uma história de conflitos e resistência. O século XX inaugurou uma nova política indigenista, trazendo do positivismo um discurso integracionista, presente até os dias de hoje. Dentro de tal perspectiva, os índios devem ser "pacificados" e posteriormente assimilados na sociedade nacional. Analisando este discurso, Dominique Gallois constrói um texto interessante sobre índios isolados. Texto, aliás, extremamente oportuno, pois envolve a prática do órgão oficial nos tempos atuais. "Um bom exemplo para refletir sobre as contradições do protecionismo é a prática - persistente inclusive na atual política indigenista - de repassar as obrigações assistenciais do Estado às missões evangélicas, que atualmente são pletera e continuam manipulando seu objetivo fundamentalista com uma face científica (lingüistas, ecólogos e etnólogos) ou assistencial (dispõem de recursos e de quadros com quem a Funai não consegue competir)". (Gallois, p.129-130).

Os Índios do Presente e do Futuro se organizam cada vez mais. Em contraposição, sem conseguir resolver as suas próprias contradições, a Funai possui uma prática, disseminada também na sociedade, de considerar o índio em processo de integração. Assim entendendo, a concretização deste processo culminaria na assimilação total do índio, momento no qual ele teria os mesmos direitos e deveres que qualquer cidadão. Novamente surge aí o perigo dos discursos dúbios. Apesar de não estar na lei, este discurso integracionista está presente na prática. As únicas justificativas aceitas por

comentaristas e juizes sobre os direitos especiais dos índios partem de uma visão dominante, na qual os índios teriam entendimento incompleto, por incompreensão das regras sociais, ou por uma inferioridade ética ou mental (Marés de Souza Fº, 166). "Na raiz desta visão, que não consegue ler o que a lei diz, está a ideologia integracionista, a qual se filiaram sempre o Direito e o Estado brasileiros, como consequência direta do pensamento dominante" (Marés de Souza Fº, 166).

Avaliações pertinentes e certas, presentes no livro *Índios no Brasil*, fazem deste trabalho algo extremamente oportuno. Usando uma linguagem acessível, os autores se dirigiram também ao público não-acadêmico. Discutindo questões pertinentes à situação indígena atual, os trabalhos vieram esclarecer e reforçar uma perspectiva verossímil com relação às sociedades indígenas. Uma melhor informação pode ajudar na defesa dos direitos das sociedades indígenas com apoio da sociedade civil. "A questão indígena não pode ser debatida apenas pelos especialistas 'aqueles que entendem do assunto', sob pena de deixar um perigoso espaço na consciência social para ser preenchido, seja pelos estereótipos vigentes na população brasileira, há séculos, como consequência do processo colonizador, seja pelo sistema educacional ainda vigente entre nós" (Vidal, p. 193).

A *Exposição Integrada* e o livro *Índios no Brasil* souberam tratar a questão indígena devidamente. A mostra considerou o respeito à diferença existente entre as culturas e trouxe à tona uma riqueza cultural por vezes ignorada. Um caminho inverso ao das considerações frequentes também foi realizado. Os índios estão presente em nossa cultura mais do que imaginamos. Ruas, estradas, marcas, religiões, caminhos... Em nossa sociedade, esta visão percorre vários níveis de representação. " De um lado encontramos o índio dos movimentos literários e artísticos da elite nacional, o índio do cinema e dos meios de comunicação de massa; de outro, e profundamente relacionado com o primeiro, porém não a sua imagem, o índio da

cultura popular. Este último povoa as escolas de samba e os bailes de carnaval, os folguedos populares, os contos e a literatura de cordel, e também o universo mítico e religioso das denominadas religiões afro-brasileiras." (Thomaz, p.205).

O respeito às diferenças culturais pode trazer a possibilidade de uma melhor compreensão das reais necessidades de cada sociedade indígena. A *Exposição Índios no Brasil*, neste sentido, realizou um trabalho fundamental. A publicação do livro *Índios no Brasil* e sua distribuição em instituições e bibliotecas pode servir como o início de um processo de esclarecimento. O apoio da sociedade à defesa dos direitos indígenas pode resultar, por exemplo, no combate ao lobby de mineradoras e madeireiras no Congresso Nacional. Sabe-se que a exploração mineral e as madeireiras, bem como a exploração de recursos hídricos, atingem muitas áreas indígenas (Rocha, p.221). A distância dos acontecimentos e o descaso dos meios de comunicação tornam esses empreendimentos em áreas indígenas verdadeiros etnocídios consentidos. Conforme Priscila Siqueira: "O que se percebe na cobertura feita pela Imprensa Nacional sobre os assuntos indígenas é um grande conflito entre as causas humanistas - às quais quase a totalidade dos jornalistas é sensível - e os interesses econômicos da Imprensa de informação. Interesses ligados aos de seus anunciantes ou de setores do Governo com os quais a empresa jornalística não quer se indispor" (p. 227).

Sabemos que os meios de comunicação jamais irão se indispor com o poder e, por isso mesmo, é preciso utilizar os recursos de que dispomos para esclarecer a opinião pública. Se alguma coisa não for feita a médio prazo, os índios estarão engrossando a massa de miseráveis, que vivem nos centros urbanos. O próprio Estado usurpa a terra dos índios e não tem muito interesse na demarcação efetiva. As riquezas existentes nos territórios e o discurso desenvolvimentista, presente na sociedade brasileira fazem que os índios sejam vistos mais como empecilhos de interesses do que como pessoas. A retirada de madeira e o garimpo, atividades ilegais para

as quais o Governo faz vistas grossas, têm reduzido a caça e poluído os rios.

O livro *Índios no Brasil* preenche um espaço importante na defesa dos direitos indígenas e no melhor conhecimento destas sociedades. Elaborado com preocupações, o livro possui uma iconografia belíssima, trazendo inclusive trabalhos inéditos. A concisão dos artigos permite uma leitura agradável e extremamente esclarecedora. Circula por assuntos como a estimativa populacional indígena, passando pela arte, cosmologia, língua, conhecimento, direitos, história. Contém, portanto, em si o compromisso da revisão. A utilização deste livro como instrumento de pesquisa - por exemplo por parte dos alunos do primeiro e segundo graus - pode criar uma nova consciência, que não será vítima do desconhecimento. É preciso continuar a defesa dos direitos dos povos baseada em compromissos históricos. Os caminhos da memória nos devolvem sempre a esperança.